

**QUERES OUVIR? EU CONTO, DE IRENE LISBOA
- OU DE COMO SEDUZIR O PÚBLICO INFANTIL PARA A LEITURA**

Violante Florêncio

Em "*Queres ouvir? Eu conto*, de Irene Lisboa – ou de como seduzir o público infantil para a leitura" é feita uma breve apresentação da obra que Irene Lisboa destinou à infância e à juventude, após o que se passa à análise particular de *Queres ouvir? Eu conto*, volume para crianças. Neste livro, Irene revela profundos conhecimentos psicológicos e pedagógicos, bem como uma enorme capacidade literária para lidar com o público infantil. Trata-se de textos ainda hoje extraordinariamente cativantes para os pequenos leitores e que propiciam práticas de leitura participada, tão fundamentais para uma renovação da pedagogia da literatura infantil.

São três os volumes destinados à infância e juventude publicados por Irene Lisboa. O primeiro, *13 contarellos que Irene escreveu e Ilda ilustrou*, de 1926, coincide com a sua estreia literária. A maior parte dos contos aqui inseridos (para a "gente nova", como se pode ler em página de rosto) viria a ser reescrita e incluída no último volume que a autora publicou em vida – *Queres ouvir? Eu conto* (1958), comprovando a atenção que sempre lhe mereceu esta literatura de destinatário explícito. Em 1955, ainda, publicara *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*, destinado a adolescentes.

Se, em 1926, Irene Lisboa era uma desconhecida, em 1955 e em 1958, aquando da publicação dos títulos assinalados, era já uma autora consagrada pela crítica. Assim, e conjuntamente com outros autores (como Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, Alves Redol, que, nesta década, publicariam volumes para a infância), Irene contribuiu para que a literatura infanto-juvenil em Portugal alcançasse um estatuto que até então desconhecia. Mas não é só de um ponto de vista histórico-

-literário que se justifica rever os caminhos percorridos por esta escritora; os textos literários, mesmo que dirigidos aos mais novos, mantêm a sua característica de intemporalidade, e aí estão, à espera de serem lidos¹.

Para que melhor se aprecie esta obra para os mais pequenos, há que assinalar que Irene Lisboa foi professora do ensino primário – e sua inspectora-orientadora – e, ainda, educadora de infância. Especializou-se em pedagogia, em Genève, com mestres como Claparède e Jean Piaget. Refira-se, ainda, que, a par da obra literária, a autora publicou inúmeros textos de pedagogia. Neles podemos ler que educar afigurava-se-lhe como “uma espécie de jogo em que mais se ganha quanto mais se perde, ou se cede”². Essa consciente opção profissional e ideológica transparece nos seus contos, nos quais não há quaisquer moralizações explícitas.

Nos artigos pedagógicos, Irene sempre defendeu, entusiasticamente, a criação de um ensino de manifestações estéticas. Concretamente e no que respeita à literatura, desde muito cedo se preocupou em reflectir acerca do livro infantil – seus aspectos formais ou de conteúdo, e acerca das exigências específicas da literatura para a infância, como seja a absoluta necessidade da mediação por parte do adulto:

Bons livros para crianças são os que lidos pareçam falados. Afora esta qualidade que tenham os conceitos francos (sem impostura moralista, para não enfadar), graça, ingenuidade e movimentação de figuras. (...)

É dar-mo-nos, nós os adultos, ao incómodo de os procurar. E afastarmos das mãos pequenas o livro casual, ou intencional, de prosa e espírito indigestos. (...)

Compete aos escritores amenizar a literatura infantil e cuidá-la, e aos compradores saber descobrir o trigo entre o joio³.

Também não se cansou de divulgar as suas práticas lectivas; nomeadamente que, enquanto educadora e professora, sempre privilegiou o papel de contadora de histórias tradicionais, com vista à motivação para a leitura dos seus alunos.

Em *Uma mão cheia de nada...* impera uma linguagem poetizada, um pensamento imaginativo e crítico. Trata-se de um livro dirigido a adoles-

¹ *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma e Queres ouvir? Eu conto*, de Irene Lisboa, foram reeditados e estão disponíveis no mercado português (Lisboa: Editorial Presença, 1993). Todas as referências feitas ao longo deste texto são desta edição.

² Irene Lisboa. *Educação*. Lisboa: Seara Nova, 1944; p. 24.

³ Irene Lisboa. “Ler” in *Revista Escolar* ano 7 – n.º 6 e 7, Junho e Julho de 1927.

centes e a sua autora sabe, melhor do que ninguém, que uma das características principais da adolescência é “a livre actividade de reflexão espontânea”, característica da “inteligência formal”⁴. Daí que neste volume para jovens predomine a reflexão sobre a acção e a intriga seja quase inexistente.

As crianças, pelo contrário, são atraídas por narrativas que incluam uma sucessão de factos, exposta numa ordem lógica, por elas perceptível e, preferencialmente, contendo aspectos lúdicos. Por isso, em *Queres ouvir? Eu conto*, para crianças, Irene opta por contar histórias muito curtas, repletas de acção, com uma inigualável “movimentação de figuras”. Vejamos então, embora que brevemente, como se caracteriza o volume *Queres ouvir? Eu conto*.

Alguns dos dezoito contos que compõem *Queres ouvir? Eu conto* estão próximos da tradição culta: animizam-se bonecas (cfr. “Coradinha”, p. 34) ou soldadinhos de chumbo (cfr. “Prà terra dos meus avós”, p. 102), traduzindo-se, por tal, a sua leitura numa mais-valia para o contacto com os clássicos universais da literatura para a infância. Outros estão próximos da tradição oral, a provar as preferências divulgadas por Irene, professora e educadora.

Incluem-se nos últimos, por exemplo, contos de animais, como é o caso de “A pata rainha” (p. 26). Note-se que o animal escolhido para protagonista não é belo, ágil ou prodigioso: é uma pata, a que se justapõe o nobre título. Irene Lisboa atribui papéis principais a seres diferentes, não enquadráveis nos conceitos convencionalmente aceites.

E com animais ou com protagonistas populares esta atitude manter-se-á. Deparamos com o desajeitado “Joanico” (p. 41), com “Tiroleto”, um rapaz que cresceu “tão ralaça como não havia outro” (p. 87), ou com uma heroína como “Maria-a-Macha”, que “para não desdizer do apelido jogava ao eixo ribaldeixo, andava aos ninhos com os rapazes, mandava pedradas, pintava o diabo” (p. 59).

Próximos dos contos da tradição oral, concretamente dos etiológicos, surge “O vento” (p. 51). Esta história (com uma linguagem repleta de aliteraões, a lembrar-nos o som do vento), que nos fala das “traquinices” do vento, das suas misteriosas conversas com o rei sol, dos segredos partilhados com as flores, terá, como sucede em muitas outras, um final aberto, suscitando uma resposta criativa ao leitor.

Mas, na maioria dos textos de *Queres ouvir? Eu conto* predomina o imaginário dos contos tradicionais maravilhosos, a fazer jus à tradição europeia de seleccionar para a infância, preferencialmente, este tipo de

⁴ Jean Piaget. *Seis estudos de Psicologia* (4.ª ed.) – Lisboa: Dom Quixote, 1976, p. 76.

histórias. Contudo, e dado que às personagens não são atribuídas as suas previsíveis características, as expectativas do leitor serão consecutivamente confrontadas nesta escrita. Repare-se:

Era uma vez uma feiticeira, que tinha uma filhinha.

Isto custa a crer, mas assim mesmo é que é: para a feiticeira não havia outro sol nem outra lua, a sua filha eram os seus amores.

Todas as noites, quando tinha de sair para cumprir o fadário, dava um suspiro: Filha do meu coração! E aproximava-se da menina. Enfiava-lhe o saquinho do sono pela cabeça e dizia muito baixo, com toda a doçura: dorme, dorme, até eu voltar, meu amor, dorme.

Cavalgava depois uma vassoira velha, que era um frangalho de palma, e saía pela chaminé. (p. 78)

“A filha da feiticeira” – assim se intitula este conto – será roubada e abandonada por um pobre mendigo (e note-se a ambivalência das personagens). Crescerá, sozinha, entre a natureza, espelhando-se nela a sua beleza. Um dia, um príncipe apaixonar-se-á por ela e, apesar do título do conto, nada mais se sabe acerca da filha da feiticeira, já que a demanda do príncipe em busca da amada passa a cerne da intriga. Seguiremos as provas por que terá que passar até à fuga do palácio, coincidente com o final do conto:

O cavalo vai voando. Traspassa a noite solitária e amorosa, carregada de perfumes, como um sopro de vento, uma rajada.

Bem sabia o cavaleiro que uma noite destas lhe seria propícia. Jamais regressará! Há um país, uma região, um bosque, decerto sagrado, onde a bela dos seus sonhos, a ninfa incomparável, o deve esperar. De mais o têm demorado! (p. 83)

Alguns dos textos de Irene, como é o caso deste, suscitam a capacidade de imaginar para além de... Nada está ao acaso. A começar pelo título que nomeia aquela que será o alvo da busca empreendida pelo príncipe e cuja apresentação foi apenas acenada. Como resultado, os leitores acompanharão, página a página, a demanda do príncipe.

Nos contos incluídos em *Queres ouvir? Eu conto*, as personagens vão mover-se num tempo e espaço indefinidos. Os encantamentos sucedem-se, e é necessário vencer umas quantas provas (habitualmente três), obtendo objectos mágicos. A repetição de palavras e de situações é frequente. Ou seja, inequivocamente, há nestas histórias os traços típicos dos contos maravilhosos; contudo, ao invés do que lhes é característico, os finais não serão sempre felizes, como nem sempre os protagonistas

serão belos ou bons, ou se verão recompensados ou castigados em função dos seus atributos. Os heróis destes contos empreenderão uma viagem, mas porque foram marginalizados pelo meio em que se inserem.

E é assim que estas histórias, se bem que estruturalmente semelhantes às tradicionais, não obedecem aos mesmos estereótipos temáticos, verificando-se, antes, um registo simbólico dos temas irenianos para adultos (por exemplo, a preocupação com o corpo ou a marginalização social que sofrem os que são diferentes), o que, como Paula Morão há muito vem assinalando, confirma a “coerência de toda a obra de Irene Lisboa”⁵.

A linguagem de *Queres ouvir? Eu conto* é extremamente cuidada, com os diferentes níveis linguísticos irreprensivelmente tratados, de acordo com as idades aproximadas dos 6 a 10 anos (correspondentes ao nível de ensino primário de que Irene foi professora).

Interjeições, coloquialismos, onomatopeias, a par do uso e abuso de sinais que costumam caracterizar a fala infantil (imperam os diminutivos e os aumentativos), dão a estes textos uma característica eminentemente oral, criando uma sedução do ponto de vista fonético – nível do perfeito domínio das crianças destas idades, não oferecendo, por tal, qualquer obstrução à sua recepção (para não se falar da inevitável solicitação a uma leitura em voz alta, que adiante se assinalará).

Conhecedora de que as capacidades morfo-sintáticas destes destinatários apenas lhes permitem perceber textos que sigam as regras simples da língua, a autora apresenta uma escrita de construção sintáctica atenta mas muito simples: uso da voz activa, persistência de frases do tipo afirmativo e interrogativo, simples ou ligadas por coordenação, domínio do verbo sobre outras categorias, oscilação dos tempos verbais entre o pretérito, para a voz narrativa, e o presente, para os diálogos.

Pelo contrário, não se exime a uma riqueza lexical enorme, provando, de novo, a consciência que tem de que este público está exactamente na idade ideal para aumentar, exponencialmente, a sua competência semântica.

Sociolinguisticamente, ou entra, na maioria dos casos e como vimos, no maravilhoso – e o “faz-de-conta” não obriga a conhecimentos prévios destes leitores, a situações vividas, experimentadas – ou opta por apresentar um universo conhecido de todas as crianças: das brincadeiras às diabruras várias; do espaço da casa, do quarto (por exemplo, em “O medo”, p. 65), a um vago espaço aberto (campos, lagos, estradas).

⁵ Paula Morão, *Irene Lisboa, vida e escrita*. Lisboa: Presença, 1989, p. 21.

Não só as marcas espaciais, conhecidas ou susceptíveis de não perturbarem a recepção dos textos, têm em atenção o público a que se destinam: as marcas temporais ou se situam, de novo, no maravilhoso “era uma vez”, ou se limitam a referências como “um dia”, “todas as noites”, “fazia luar”, remetendo assim para o domínio temporal das crianças.

Captar a atenção dos ouvintes pequenos passa ainda por lhes apresentar personagens que, analogicamente, podem ser crianças, como a de “O sonho de zagal” (p. 84), adultos que têm o tamanho e atitudes, divertidas e brincalhonas, semelhantes às delas, crianças (caso de “Joanico”, p. 41), ou, ainda, personagens que fazem parte do mundo dos seus afectos, como diferentes animais, palhaços ou bonecos, quer dizer, personagens com quem de imediato se identificam, de quem logo se aproximam.

Do ponto de vista da técnica narrativa, na maioria dos textos há um narrador heterodiegético – apresentação consentânea com a dos contos tradicionais. No entanto, o leitor conviverá com outras formas de contar, pois não só o narrador se intromete aqui ou ali (“Esta é a verdadeira história de Joanico. Deixem-*ma* contar com vagar”, p. 41, sublinhado meu), como pode haver narrativas encaixadas (cfr. “O vento”, p. 51). Quanto às histórias, necessariamente projectivas, que expurgam os medos psicológicos mais comuns da infância, essas são narradas na 1.^a pessoa: é o caso dos sonhos eufóricos e disfóricos de, respectivamente, “Ai...Ai...Ai...” (p. 30) e de “O medo” (p. 65), ou o caso da angústia de abandono e de separação patenteada na história da boneca “A coradinha” (p. 34).

Estilisticamente, Irene optou, primordialmente, pelo uso de repetições, que, a par de narrativas curtas – caso das que inclui em *Queres ouvir? Eu conto* – são fundamentais para provocarem a concentração necessária à leitura, requisito que é essencialmente trabalhado nestas idades. Usa ainda a aliteração, de efeito embalador, e a comparação, porventura a figura mais facilitadora para a entrada num mundo ficcional e, em simultâneo (nunca esquecendo, recordo de novo, as idades dos destinatários), a mais propícia ao enriquecimento visado no plano lexical.

Não se ficou por aqui o contributo de Irene Lisboa em prol da construção aturada de um leitor. Pensando certamente no papel indispensável a desempenhar pelo adulto mediador, tratou de criar mecanismos suplementares de motivação para a leitura – e nos aspectos a seguir assinalados entrarão, obviamente, o seu domínio da escrita, mas, sobretudo, a sua experiência docente, em particular a sua experiência de contadora de histórias, bem como as suas práticas (do que hoje denominamos) de animação da leitura.

Assim, se toda a leitura em voz alta necessita de preparação prévia, muito particularmente a que é feita a um público de crianças – já que um

deslize mínimo significa a sua desconcentração, as potencialidades oferecidas pelos textos desta autora são enormes, dado que os traços orais acima referidos se transformam em subtis indicações de prosódia, de variação rítmica de leitura, em suma, são indicadores preciosos de como ler; são uma dádiva para o contador/animador/dinamizador da leitura dos mais pequenos. Afinal, e usando as palavras de Irene, são contos que “lidos parecem falados”, facto indiciado, aliás, na excelente, porque certa, escolha do título deste volume – *Queres ouvir? Eu conto*.

Por outro lado, se repararmos mais demoradamente na construção morfo-sintáctica destes textos, notaremos que a quantidade de verbos destes textos é avassaladora, e que a maioria se relaciona em combinações, tais como (e de entre as muitas possíveis de aqui apresentar...): sentar/ levantar/ agachar/ erguer/ ajoelhar/ saltar/ cair/ trepar/ descer/ subir; entrar/ sair/ andar/ parar/ recuar/ avançar/ correr/ caminhar; trotar/ galopar/ voar; falar/ calar/ gritar/ gemer/ rir/ chorar/ cantar/ assobiar/ soprar; brincar/ esconder; aprender/ ensinar/ descobrir/ lembrar. Se lhe acrescentarmos alguns dos advérbios ou conjunções adverbiais que reiteradamente surgem nesta escrita, como cima/ baixo/ ao alto/ ao fundo, dentro/ fora/ atrás/ à frente/ à volta/ contra/ à direita/ à esquerda; depressa/ devagar, facilmente nos aperceberemos de como a sua articulação se torna extremamente dinâmica, como nasce a já referida e ímpar “movimentação de figuras”. Com tais características, estes textos de *Queres ouvir? Eu conto* como que solicitam uma actividade de animação de leitura, na qual se proponha aos pequenos ouvintes que escutem as histórias e, em simultâneo, executem os movimentos nela indicados (vulgo *leitura participada*). Tal animação tem todas as hipóteses de êxito e constitui-se num verdadeiro móbil de sedução para a leitura.

Pelo que atrás ficou escrito, facilmente se depreende como formar leitores era uma preocupação imprescindível para Irene Lisboa, que, irrepreensivelmente, e como se confirma em *Queres ouvir? Eu conto*:

– contribuiu com memórias literárias várias do património português (como o do “cavalinho de oiro moirisco” ou as das “moiramas”) ou estrangeiro (como o do “soldadinho de chumbo”) para a criação, morosa mas indispensável, de um leitor detentor de competências textuais;

– seleccionou, cuidadosamente, os temas apresentados, ou seja, e (quase) parafraseando-a, criou textos de “prosa e espírito *não* indigestos”;

– atendeu às idades deste público específico, oferecendo-lhe textos passíveis de, linguística e cognitivamente, por ele serem percebidos;

– por último, e verdadeiramente assinalável, porque inovador à época em que escreveu (bem como, infelizmente, raro nos nossos dias),

legou-nos uma prosa onde a premente oralidade e a impressionante “movimentação de figuras” se tornam, quase intuitivamente, provocadoras quer de uma leitura em voz alta, por parte do adulto que dinamize a leitura, quer de uma leitura participada, por parte das crianças que escutem estes contos e que a tal sejam solicitadas.

Eis, portanto, algumas das características da escrita de Irene em *Quer ouvir? Eu conto*, enraizadas nos conhecimentos psicológico e pedagógico que possuía, a prova provada de como ela própria tratou de “amenizar e cuidar” da literatura infantil. Mais: de como tudo fez para seduzir o público infantil para a leitura.

Irene escreveu um dia: “Escrever é teimar, teimar...”⁶. Nós, leitores, sabemos que ler, e dar a ler/a ouvir, implica, também, e continuamente, uma atitude de persistência, de “teimosia”, justa e inadiável. Sobretudo, se estivermos vencidos e convencidos pela qualidade de algumas obras de literatura para a infância; nas quais, indiscutivelmente, penso, se inclui a obra assinada por Irene Lisboa.

Violante Florêncio é Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação João de Deus, em Lisboa, onde lecciona Metodologia da Aprendizagem da Língua Materna, Cultura Portuguesa e Literatura Infantil. Publicou, entre outros textos, *A literatura para crianças e jovens em Irene Lisboa* (Porto: ASA), a que foi atribuído o Prémio de Ensaio Literário Eça de Queiroz 1994, volume resultante da dissertação de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas, orientada por Paula Morão.

⁶ Irene Lisboa. *Solidão* – Lisboa: Seara Nova, 1939, p. 62.